

O Terrorismo: Tendências globais e regionais e implicações para o Brasil

Terrorism: Global and Regional Trends and Implications for Brazil

Alcides Costa Vaz*

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo analisar a trajetória do terrorismo no contexto sul-americano à luz das tendências que conformam sua trajetória no plano global e, de modo subsidiário, das demais ameaças securitárias na região. Pretende também identificar e discutir suas implicações para o Brasil e seus interesses de segurança no contexto regional e, por fim, para o Exército Brasileiro. Argumenta-se que embora não seja fenômeno proeminente e regular no contexto regional, o terrorismo adquire relevância como ameaça ao comparecer em um ambiente crescentemente exposto às injunções da política, da economia e da sociedade global e como forma de contestação esposada por indivíduos e movimentos extremistas e por vínculos com movimentos insurrecionistas e organizações do crime organizado; confere-lhe relevância também a prioridade que lhe é assignada pelos Estados Unidos como ameaça, nos planos global e hemisférico.

Palavras-chave: terrorismo; América do Sul; Brasil; segurança regional.

ABSTRACT

This essay aims to analyze the trajectory of terrorism in the South American context in light of the trends that shape its trajectory globally and, in a subsidiary way, the other security threats in the region. It also intends to identify and discuss its implications for Brazil and its security interests in the regional context and, finally, for the Brazilian Army. It is argued that although not a prominent and regular phenomenon in the regional context, it acquires relevance as a threat as it appears in an environment increasingly exposed to the injunctions of politics, the economy and global society, and as a form of contestation espoused by extremist individuals and movements by links with insurrectionist movements and organized crime organizations; It also gives prominence to the priority assigned to it by the United States as a threat at the global and hemispheric levels.

Keywords: terrorism; South America; Brazil; Regional Security

**Doutor em Ciências Sociais (USP 2001), Mestre e Bacharel em Relações Internacionais (UnB, 1987, 1982). Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Pesquisador do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx) e Presidente da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED).

Sumário Executivo

O presente ensaio tem por objetivo analisar a trajetória do terrorismo no contexto sul-americano, abordando suas expressões mais significativas historicamente e no presente à luz das tendências que conformam sua trajetória no plano global e, de modo subsidiário, das demais ameaças securitárias na região. Pretende também identificar e discutir suas implicações para o Brasil e seus interesses de segurança no contexto regional e, por fim, para o Exército Brasileiro enquanto integrante do aparato de segurança do Estado Brasileiro e que, no presente, se acha engajado em questões de relevância para a prevenção e o enfrentamento ao terrorismo, do que são exemplos a proteção de infraestruturas críticas e a defesa cibernética.

Para tanto, abordam-se, inicialmente, as tendências recentes do terrorismo no plano global, das quais emanam importantes condicionantes e fatores de indução de suas eventuais manifestações no plano regional. Na segunda seção são apresentados e analisados dados que evidenciam a evolução do terrorismo no subcontinente sul-americano, discutindo-se seus vínculos com dinâmicas e atores domésticos em diferentes países da região de modo a delinear sua natureza e alcance enquanto ameaça aos Estados e às sociedades da região. Aponta-se que, embora não seja fenômeno proeminente e regular no contexto regional, o terrorismo adquire relevância como ameaça ao comparecer em um ambiente crescentemente exposto às injunções da política, da economia e da sociedade global como forma de contestação esposada por indivíduos e movimentos extremistas bem como por movimentos insurgentes e grupos do crime organizado, que o incorporam às suas táticas; segue valorizado, por fim, em razão da prioridade que lhe é outorgada pelos Estados Unidos, como ameaça, nos planos global e hemisférico e da influência que estes logram exercer nas agendas de segurança dos países da região. A projeção, na região, de tendências de polarização político-ideológica e de aumento de conflitos violentos tende a favorecer o aumento do terrorismo onde tais fenômenos sejam proeminentes, o que se vê reforçado por dinâmicas geopolíticas globais em suas expressões no subcontinente.

Por fim, na seção conclusiva, são identificadas e discutidas brevemente as implicações das tendências e do cenário regional no tocante ao terrorismo para o Brasil e para o Exército Brasileiro.

1. Perspectivas e tendências globais do terrorismo

A evolução do terrorismo em perspectiva global ao longo da presente década evidencia, segundo o *Global Terrorist Index 2018*, uma fase de aumento do número de atentados e de fatalidades, a partir de 2002, bem como do número de países palco de atentados e que teve seu ápice em 2014. Este aumento foi impulsionado, no contexto de então, primeiramente pelos eventos e ataques perpetrados no Iraque ainda na esteira da onda de violência desencadeada internamente com a ocupação norte-americana; em seguida pelos eventos subsequentes à Primavera Árabe no Egito, Tunísia e Algéria, em particular (INSTITUTE FOR ECONOMICS & PEACE 2018, p. 31). Em 2014, o total de

mortos em atentados terroristas totalizou 45.081, cifra recorde até então e cerca de doze vezes maior que o número registrado em 2003, ano de menor vitimização na década de 2000. Em 2018, este número declinou para 13.570 (JANE'S TERRORISM AND INSURGENCY CENTRE, 2018). Muito importantes para impulsionar o aumento do terrorismo internacional foram a ascensão do Estado Islâmico do Levante, o início da guerra civil na Síria e o ressurgimento do *Boko Haram* na Nigéria (INSTITUTE FOR ECONOMICS & PEACE 2018, p. 31).

A partir de então, instaurou-se tendência de gradual declínio tanto do número de atentados como de mortes perpetradas por grupos terroristas. Em 2018, o número de atentados baixou para 15.819 frente aos

21.274 registrados em 2014 e os 25.785 de 2016. A significativa redução do número de vítimas fatais aludida no parágrafo anterior se deveu a desenvolvimentos observados, sobretudo no Iraque, Nigéria e Paquistão que responderam por parte substantiva desta redução. Em 2019 foram registrados 780 ataques e 3.448 mortes, números sensivelmente menores que os 10.900 ataques perpetrados em 2016, e suas 26.445 vítimas fatais (MUGGAH, 2019). Observa-se, também, que 99% das mortes por atentados terroristas ocorreram em países conflagrados internamente e com altos níveis de terrorismo político. Neste caso, um conjunto de dez países (Afeganistão, Iraque, Nigéria, Somália, Síria, Paquistão, Egito, Congo, República Centro Africana e Índia) respondeu por 84% das mortes por atentados terroristas em 2017, o que também denota uma tendência de concentração do fenômeno.

Concomitantemente, reduz-se o número de organizações terroristas que respondem pela maior parte dos ataques. Em 2017, um grupo de apenas cinco organizações terroristas (ISIS, Talibã, Al-Shabaab, Boko Haram e a República Donetsk); sendo que a Donetsk People's Republic respondeu por 60% das vítimas fatais. No entanto, é fundamental observar que a redução do número de atentados e de mortos; e a concentração acima aludida não implica redução concomitante dos impactos do terrorismo em escala global. Na verdade, no período ora considerado, tem aumentado o número de países alcançados por atentados terroristas: em 2004, 39 países foram palcos de atentados terroristas, número que subiu para 60 em 2012 e para 79 em 2016, tendo já alcançado 67 em meados de 2018 (MUGGAH, 2019).

No sentido oposto, em 2012, 44 países não registraram atividades terroristas em seus territórios; em 2017, apenas 26 não acusaram registros (INSTITUTE FOR ECONOMICS & PEACE 2018, pp. 31-32), contrariando algumas análises que consideram que, desde 2015, observa-se, no plano global, tendência de redução tanto do número de atentados e de vítimas fatais concomitantemente à

concentração dos atentados em um número restrito de organizações terroristas e de países. Simultâneo à redução do terrorismo internacional, nos termos acima apresentados, observa-se que o custo global dos ataques terroristas também passou a diminuir a partir de 2013, quando chegou a ultrapassar a cifra de US\$ 90 bilhões, declinando para cerca de US\$ 55 bilhões em 2017, conformando assim uma média US\$ 83 bilhões entre 2013 e 2017 (MARSH 2019, p. 4).

Em sintonia com esta mesma tendência está a avaliação do risco de ocorrência de atentados terroristas. Segundo o *Terrorist Risk Insurance Report* (MARSH 2019), há claros indicativos de tendência de redução do risco de ataques terroristas em escala global, muito embora tal tendência deva ser sopesada à luz de fatores como o provável surgimento de novas ameaças no Oriente Médio e no contexto ocidental, em razão do retorno de ex-militantes do Estado Islâmico aos seus países de origem na esteira do colapso daquele grupo.

Outra tendência que faz despontar preocupações tanto de parte dos observadores e estudiosos do terrorismo como dos formuladores de política voltadas à prevenção e enfrentamento ao mesmo é a ascensão do terrorismo vinculado a movimentos de extrema direita na América do Norte e na Europa Ocidental, em ataques perpetrados pelos assim chamados “lobos solitários”. Esta tendência está apontada tanto no *Terrorist Risk Insurance Report* quanto no *Global Terrorism Index do Institute for Economic and Peace*. De acordo com este último, em 2002 foi registrado apenas um ataque atribuído ao extremismo de direita. Este número aumentou o máximo de 6 em 2009, e retornou em 2011. A partir de 2012, quando foram registrados 10 atentados ocorreu um significativo e constante aumento, levando a 59 em 2017. No entanto, a preocupante tendência da incidência de ataques terroristas perpetrados em nome de causas da extrema direita, o extremismo islâmico ainda responde por parcela consideravelmente maior dos ataques terroristas se comparado àquele. De todo modo, a ascensão do terrorismo

perpetrado por indivíduos e organizações de extrema direita traz consigo, a violência e o espectro do terrorismo vinculado à supremacia branca tendo como alvos privilegiados não cristãos, não brancos, o que faz recair foco privilegiado em migrantes mulçumanos, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental e, também, embora em proporções menores em ativistas LGBTQ, sobretudo na América Latina (MUGGAH 2019).

Vale a pena frisar que, ademais das situações de acentuada conflitividade, que nutrem o terrorismo, como já observado, a polarização politico-ideológica da qual a ascensão da extrema-direita é parte tem confirmado seu forte potencial de atuar no mesmo sentido, se tomados em conta os indicadores a respeito, alimentando assim conjecturas de que o mesmo possa ocorrer em outras regiões ou países onde inclusive se fortalecem os movimentos de extrema direita, mesmo naqueles que não têm sido nem palco nem alvos privilegiados do terrorismo.

A esse respeito, cumpre também destacar outra importante tendência emanada do plano global que é a crescente importância da mediação das plataformas sociais na propagação e amplificação dos atentados terroristas, sendo fator determinante na disseminação do sentimento de insegurança que os mesmos objetivam promover. Análises recentes (STROOBANTS, 2019) têm chamado a atenção para a emergência de novos âmbitos e formas de terrorismo, com destaque para a hibridização do terrorismo e do mundo cibernético, o que, segundo aquele autor torna em armas eficazes a propaganda e a ideologia, disseminando crenças extremistas, facilitando o recrutamento e a radicalização, mas inclusive galvanizando e provocando diretamente ataques terroristas (Idem, 2019). Desse modo, ao acolher e difundir o acalorado embate ideológico, as plataformas e mídias sociais terminam servindo ao desígnio de amplificar o próprio debate de seus efeitos, tornando-se assim instrumental às organizações terroristas tanto para o recrutamento, tal como observado nos casos da Al Qaeda e do Estado Islâmico, como para a difusão de seus desígnios e dos atentados que perpetraram. Assim, da mesma

forma com que se mostrou funcional para o terrorismo associado ao extremismo religioso, as mídias sociais podem se converter em valioso instrumento para o terrorismo associado a quaisquer dos extremos do espectro ideológico, ressaltando-se ser o terrorismo vinculado ao extremismo de direita que se encontra em franca ascensão no presente, como se depreende dos dados provindos das fontes citadas.

Uma quarta tendência presente no panorama atual do terrorismo internacional em perspectiva global e a despeito de sua menor incidência neste mesmo plano é o surgimento de novas ameaças vinculadas ao terrorismo, com destaque à emergência de novos grupos terroristas em diferentes regiões para além do Oriente Médio e da África, particularmente no sul e sudeste da Ásia (MUGGAH, 2019), regiões que passam a abrigar alguns dos mais importantes novos hot spots do terrorismo internacional, notadamente as Filipinas e o Mianmar, países que registraram, em 2017, o maior aumento do número de vítimas fatais de atentados terroristas desde 2002 (INSTITUTE FOR ECONOMY AND PEACE 2018, p. 5). No continente africano, as regiões do Magreb e no Sahel também experimentam o incremento do terrorismo, embora ainda perpetrado por organizações vinculadas à Al Qaeda com seguidores concentrados na Argélia e Líbia respectivamente (INSTITUTE FOR ECONOMY AND PEACE 2018, p. 5).

Assim, em sua projeção global, o terrorismo continua sendo nutrido diretamente pela polarização política e por conflitos violentos e galvanizados por movimentos extremistas nos campos religioso e político tendo nos continentes africano e asiático seus principais *hotspots*. Na América do Norte e na Europa Ocidental (ou nos países economicamente avançados), o terrorismo tem nas questões que afetam a coesão social, na alienação, na falta de oportunidades econômicas e no envolvimento em conflitos externos seus principais fatores de motivação (INSTITUTE FOR ECONOMIC AND PEACE, 2018, p. 58)

Portanto, a atual tendência de declínio de importantes indicadores do terrorismo internacional, comporta dinâmicas passíveis de reconfigurar o atual panorama seja pela via da perenização de elementos recentes, como a ascensão do terrorismo vinculado a indivíduos e movimentos de extrema direita, ou a hibridização do terrorismo e o mundo cibernético, seja também pela via do fortalecimento de contra tendências no que tange ao risco e ao número de atentados, de vítimas fatais, de organizações terroristas ativas e do alcance e projeção territorial e dos custos econômicos do terrorismo de modo geral. Isso faz com que o terrorismo, enquanto fenômeno de natureza e alcance efetivamente global, embora heterogêneo em suas manifestações, se sustente como importante ameaça à segurança internacional e continue merecendo lugar de destaque nas agendas das políticas de segurança de países em todas as regiões do planeta.

2. O terrorismo no cenário da segurança regional

O terrorismo não é, no presente, fenômeno proeminente e regular no contexto sul-americano, nem se prende, no que diz respeito às suas motivações e expressões imediatas, a agendas, atores e processos extra regionais de natureza e alcance global, refletindo a condição de distanciamento, por parte do conjunto da sub-região, dos principais cenários de conflitos e das questões em torno das quais o terrorismo é usualmente invocado internacionalmente, como, por exemplo, o extremismo religioso, o nacionalismo e o separatismo. Esse distanciamento também se expressa na perspectiva de importantes atores do cenário em que se movimenta o terrorismo internacionalmente em relação ao espaço sul-americano, muito embora seja forçoso reconhecer que tal condição tende a se alterar significativamente à medida que os países sul-americanos busquem projetar interesses e exercer algum protagonismo para além de seus respectivos entornos e que também se convertam, eles próprios, em espaços de

oportunidades e arenas para a consecução de interesses políticos, econômicos e geopolíticos, bem como de presença, de potências e demais atores extra regionais.

Finalmente, é preciso também considerar que a região se vê crescentemente integrada aos diversos fluxos que caracterizam as sociedades contemporâneas e a economia global, tornando-se inevitavelmente suscetível às diferentes formas de vulnerabilidades, riscos e ameaças presentes no cenário internacional. Nesse sentido, e para a América do Sul, o terrorismo não deve, de nenhuma forma, ser desconsiderado enquanto intercorrência ou expressão extrema de motivações de diversas índoles provenientes de agentes politicamente motivados em terceiros espaços; nem se deve desconsiderar, igualmente, que tais agentes e suas motivações não encontrem, dentro da mesma região, acolhida ou correspondência da parte de atores domésticos que se movimentam no campo da clandestinidade e às margens do estado de direito, de modo a potencializar o alcance e a repercussão de suas ações e, conseqüentemente, sua capacidade de influenciar a arena política em relação ao que os impele.

Assim mesmo, o histórico do terrorismo na América do Sul é relativamente recente e denota vínculos escassos com sua faceta internacional. A grande exceção foram os dois atentados ocorridos em Buenos Aires em 1991 e 1992 contra a Embaixada de Israel e contra a sede da Associação Mutual Israelita Argentina (AMIA) respectivamente, ambos de evidente propósito antissemita. No mesmo sentido estão as alegações de parte dos Estados Unidos, vocalizadas na esteira dos atentados de 11 de setembro de 2001, de presença, naquela região, de apoiadores e membros de organizações terroristas do Oriente Médio, em particular, do Hezbollah e do Hamas, ambos considerados organizações terroristas por países como Estados Unidos, Japão, Israel e Canadá e também pela União Europeia. Tais alegações, contudo, não são não comprovadas ou corroboradas por Argentina, Brasil e Paraguai que integraram força tarefa conjunta com os Estados

especialmente voltada à averiguação das alegações norte-americanas.

As preocupações com a suposta presença e atuação de apoiadores e mesmo integrantes de grupos terroristas do Oriente Médio na Tríplice Fronteira se faz acompanhar de pressões sobre os países desta região para que também reconheçam as organizações referidas acima como terroristas, pressões estas que tendem a recrudescer quando também recrudesçam tensões entre Israel e Palestina e aquelas estabelecidas em torno do Irã. Percebe-se, portanto, que, no tocante ao terrorismo internacional, a América do Sul se afigura como uma caixa de ressonância na qual o espectro do terrorismo comparece como recorrente objeto de invocação, porém não como elemento fático.

A baixa incidência de fatores internacionais na configuração do panorama do terrorismo na América do Sul remete, portanto, o foco da análise para os planos domésticos, onde o terrorismo comparece não como fenômeno distintivo mas de modo subsidiário, isto é, conectado a outros desafios de segurança e a partir de diferentes substratos nacionais, o que lhe imprime uma feição fragmentada, episódica e fortemente condicionada por injunções domésticas, muito irregular e heterogênea, portanto. Assim, a fim de delinear o panorama sul-americano no que diz respeito à ameaça terrorista, se faz necessário considerá-lo à luz de outros desafios securitários presentes na região e que sejam relevantes desde suas origens domésticas e por seus desdobramentos no contexto regional.

Desse modo, a presente análise privilegia dois fenômenos cujos agentes principais têm incorporado ações terroristas ao seu repertório e que possuem na Colômbia suas principais expressões, embora em nenhum sentido exclusivas, no que tange ao cenário sul-americano, quais sejam os movimentos guerrilheiros e paramilitares, de um lado, e os grupos de crime organizado, de outro. O primeiro caso se restringe hoje à Colômbia, onde o Exército de Libertação Nacional (ELN) e dissidentes das ex-Forças Armadas Revolucionárias Colombianas

(FARC) mantêm a luta armada contra o Estado Colombiano em perspectiva. Exceção, porém, de pequena monta, é o Exército do Povo Paraguaio (EPP), movimento guerrilheiro que atua no norte do Paraguai, em áreas rurais, promovendo sequestros e outras formas de extorsão. Afora estes, não há outros movimentos guerrilheiros ativos na região.

Enquanto esteve atuante, as FARC foram responsáveis por uma série de atentados a bomba nos principais centros urbanos do País, por atos de sabotagem à infraestrutura energética e de transportes e de sequestros, o mesmo, embora em escala menor, se dando com o Exército de Libertação Nacional (ELN) e com grupos paramilitares, organizações que, ao lado das Forças Armadas e demais forças de segurança do estado colombiano, protagonizaram o conflito civil ao largo de mais de cinco décadas. Com o advento do Plano de Paz assumido pelo governo de Juan Manuel Santos, as FARC depuseram armas e se integraram à vida política do País como partido político. Contudo, cerca de trezentos dissidentes anunciaram em 2019, o retorno à luta armada. O Exército de Libertação Nacional vinha mantendo difíceis negociações com o governo colombiano com vistas a alcançar um acordo de paz, mas as suspendeu e efetivamente assumiu a autoria de atentado a bomba ocorrida em Bogotá.

Ao mesmo tempo, a desmobilização das FARC em razão do acordo de paz com o governo intensificou a disputa entre grupos do crime organizado dedicados ao narcotráfico, ao tráfico de armas e de pessoas, e à mineração ilegal pelo controle de territórios antes dominados pelas FARC, fazendo-se acompanhar da repressão por parte das Forças Armadas e demais forças de segurança do país. Em consequência, a Colômbia assiste a uma espiral de violência nos últimos anos na qual estão conjugados as externalidades do estancamento do processo de paz envolvendo movimentos guerrilheiros remanescentes e a intensificação dos conflitos entre grupos do crime organizado, ao que soma a crescente insegurança nos espaços fronteiriços com a Venezuela, onde o grande fluxo migratório

gera condições muito favoráveis à ação do crime organizado. Constitui-se, portanto, um contexto favorável à ocorrência de ações terroristas perpetradas tanto pelos movimentos que retornaram à luta armada como por grupos de crime organizado.

Essa conjunção, no entanto, é peculiar à Colômbia. Com efeito, neste país, de acordo com o Instituto Heildenberg para o Estudo de Conflitos, registraram-se, em 2017, duas crises violentas de nível médio de intensidade (envolveram forças militares e organizações indigenistas e os embates entre grupos de crime organizado e grupos narcotraficantes) e duas guerras limitadas, de alta intensidade, envolvendo o governo e o ELN e grupos dissidentes das FARC, respectivamente. Registre-se que, de acordo com o *Global Terrorism Index 2018*, o ELN é apontado como a mais letal das organizações que perpetraram ações terroristas na América do Sul (IP&E, p. 39).

Este contexto de aumento de conflitos violentos e de polarização política, como já observada, gera condições para a ocorrência do terrorismo. De fato, de acordo com o *Institute for Peace and Economy* e seu *Global Terrorism Index*, a Colômbia ocupa a 27ª. posição no ranking de impacto do terrorismo, sendo o único país latino-americano em que o impacto do terrorismo é avaliado como médio. Para parâmetro de comparação com outros países da região, na Venezuela (55°), Chile (58°) e Paraguai (59°) e Peru (66°) o impacto do terrorismo é avaliado como baixo; contudo, na Venezuela, Chile e Peru, segundo a mesma fonte, apontava-se perspectiva de incremento de ações terroristas no futuro imediato. O Brasil comparecia em 90º lugar, abaixo da Argentina (84º). Diferentemente desta, onde se aponta tendência de incremento, para o Brasil a perspectiva era, então, de redução.

É muito importante registrar que, por detrás destes indicadores estão situações distintas. Enquanto na Venezuela, a conflitividade violenta e a polarização política se estabelecem no marco de um regime autoritário e de profunda crise econômica e

social, no Chile é a associação entre profunda desigualdade econômica e social generalizada e afetando minorias indígenas de modo particular que nutria a perspectiva de incremento do impacto de atos terroristas, segundo os critérios do *Institute for Peace and Economics*, o que se vê confirmado com os episódios ocorridos no marco da recente crise de protestos e de violência que assola aquele país. No Peru a tendência se relaciona às perspectivas de incremento das ações do Sendero Luminoso no marco de fragilização das instituições políticas, ao lado de questões outras como a repressão à mineração ilegal e a intensificação do tráfico de drogas.

Estes elementos permitem, assim, emoldurar os indicadores recentes do terrorismo na região. De acordo com o *Global Terrorism Index 2018*, observou-se ligeiro aumento da incidência do terrorismo na América do Sul (de 136 registros em 2016 para 145 em 2017), com o número de mortes também aumentando de 49 para 75 no mesmo período. No entanto, registra-se também que tais incidências com mortes envolveram apenas quatro países (Colômbia, Peru, Venezuela e Brasil) (IPE 2019, p. 39), o que se mostra em consonância com os dados do *Heildenberg Institute* sobre conflitos violentos na região, antes referidos. Esses indicadores apontam tendência inversa às tendências globais de redução do terrorismo, abordadas na seção precedente. No entanto, cabe salientar o ainda observado distanciamento das ocorrências terroristas na região do terrorismo internacional, e de redes operando transnacionalmente, bem como a singularidade do contexto colombiano e o peso específico do país na conformação do panorama do terrorismo na América do Sul, assim como o quadro de fragmentação diante da conformação eminentemente nacional da composição e do espectro de atuação dos atores que recorrem a práticas terroristas na região e o limitado nível de interação entre os mesmos. Por outro lado, são evidentes as condições que tendem a torna-lo atrativo enquanto recurso tático tanto para movimentos guerrilheiros na Colômbia como para grupos de crime organizado nos diferentes países, em particular na própria

Colômbia, no Peru, e no Brasil, tendo como pano de fundo a polarização política, e o aumento dos conflitos violentos.

Esses elementos permitem entrever que a tendência de incremento de incidência do terrorismo deva se manter, porém de forma circunscrita em seu alcance e ainda fortemente condicionada por injunções domésticas mais do que por fatores de natureza e alcance transnacional, muito embora, seja sempre preciso ressaltar a crescente integração da região à política e à economia global e sua exposição concomitante a ameaças e riscos provindos do cenário global e que podem potencializar as expressões do terrorismo tal como delineadas na presente análise. No entanto, preponderam, no presente, ainda os fatores que concorrem para a circunscrição do fenômeno às esferas domésticas e a consequente fragmentação de suas manifestações no contexto regional.

3. Conclusões e implicações para o Brasil

As implicações, para o Brasil, do cenário e das perspectivas do terrorismo na América do Sul, tal como delineados na seção precedente decorrem, em primeiro lugar, das condições que retratam sua própria inserção nas dinâmicas que nutrem a incidência do fenômeno em seu próprio território, primeiramente, e no território dos países vizinhos, subsidiariamente. Em ambos os casos, é necessário tomar em conta a exposição e as vulnerabilidades do país e dos seus vizinhos sul-americanos às injunções próprias do sistema internacional no que concerne às motivações e manifestações daquele fenômeno desde o plano internacional.

Como amplamente reconhecido, o Brasil não comparece no cenário do terrorismo internacional nem como alvo e nem como palco privilegiado ou mesmo secundário de atentados. Esta condição de afastamento do fenômeno foi posta em questão quando da realização da série de grandes eventos desportivos e religiosos no país entre 2013 e

2016. A magnitude e visibilidade global dos mesmos potencializavam os riscos de atentados terroristas, o que levou o país a dispender esforços inéditos internamente e também em cooperação com parceiros internacionais, de mobilização de um grande aparato securitário visando à prevenção e reação a eventuais atentados terroristas. O êxito do empreendimento permitiu um importante legado a contribuir às políticas e ações domésticas antiterroristas e à participação brasileira na cooperação internacional, e levou o país a se distinguir no plano do enfrentamento ao terrorismo. Em suma, o Brasil está adequadamente equipado jurídica e institucionalmente com recursos humanos, de informação e de inteligência aptos para desenvolver papel ativo e direto nos esforços de enfrentamento ao terrorismo em suas expressões potenciais tanto em seu território quanto internacionalmente.

A atual configuração do panorama do terrorismo na América do Sul não apresenta elementos tendenciais e fáticos que concorram diretamente para caracterizar ou transformar o terrorismo em ameaça iminente ao País. Mas a preservação desta condição demanda a manutenção de esforços preventivos, o que supõe também investimento contínuo no aprimoramento das capacidades nacionais de monitoramento do terrorismo nos cenários global e regional, de modo particular desde o campo da inteligência. Para serem efetivas tais capacidades demandam também o enlace com as inteligências policiais e militares, secundada por sólida cooperação judicial, haja vista a ampliação da margem de susceptibilidade do País a ameaças e riscos externos e internos, se tomado em conta o fortalecimento do crime organizado no Brasil e a internacionalização de seus principais agentes.

Foco especial recai sobre a proteção de infraestruturas críticas, uma vez que, na América Latina como um todo e na América do Sul, de modo específico, estas se afiguram como alvos privilegiados de ataques, como evidenciado no Terrorism Global Index. Cabe salientar que, no caso brasileiro, são precisamente as Forças Armadas, e dentre

elas, o Exército Brasileiro, o principal agente de segurança responsável por tal incumbência. A ação preventiva a ataques terroristas é, sem dúvida, dimensão central da proteção de infraestruturas críticas, a qual traz consigo aquele que se afigura como o principal desafio em relação ao espectro do terrorismo, qual seja, o terrorismo cibernético que, como diz, revigora formas de ações tradicionais de terrorismo, como é o caso das ações de qual seja a sabotagem contra infraestrutura de transportes, de energia e de telecomunicações, alvos privilegiados deste tipo de ação. E, novamente, o Exército Brasileiro desponta com responsabilidades e papel singulares no contexto das políticas e iniciativas de contraterrorismo por ter sob sua liderança e alçada a promoção da segurança cibernética nacionalmente, como expresso, de modo particular, na Estratégia Nacional de Defesa.

Em outras palavras, por razões diretamente ligadas à trajetória recente do país no tocante à prevenção de atentados terroristas em seu território por força dos grandes eventos de alcance global que sediou dentro da última década, o que definiu a atual configuração institucional do País no tocante à prevenção e ao enfrentamento ao terrorismo, as Forças Armadas e o Exército Brasileiro, de modo particular, têm já atribuições e um espaço definido de atuação, muito embora o tema não seja objeto de uma política em particular. A prevenção e o enfrentamento ao terrorismo estão mais claramente afeitos, se considerado o fenômeno em sua especificidade e em seus vínculos com o contexto internacional, à recente Estratégia Brasileira de Inteligência, também inédita e, em bem menor medida, à inteligência militar e às políticas e iniciativas no campo da segurança pública.

Assim, e à luz da crescente possibilidade de maior recurso por parte de grupos do crime organizado de recorrerem a práticas terroristas e da tendência também vista de exacerbamento da polarização política e ideológica, acompanhada de manifestações de violência, torna plausível a ocorrência de ações extremistas por parte de indivíduos e/ou de grupos nacionais ou estrangeiros, tanto à direita quanto à esquerda do espectro político. Em tal circunstância, as Forças Armadas e dentre elas o Exército, devem passar a ter sua atuação restrita ao suporte que, eventualmente, os órgãos de inteligência militar possam prestar à própria ABIN e à inteligência policial, por razões políticas e operacionais, visto que o centro gravitacional do aparato de segurança para fazer frente a tal expressão de terrorismo se desloca naturalmente para o aparato policial nos níveis federal, estadual e municipal. Apesar disso, a centralidade que tende a assumir a dimensão cibernética no campo da segurança e da defesa de modo geral, bem como na incidência, na prevenção e no enfrentamento ao terrorismo interna e internacionalmente, é fator que concorre de modo direto para manter, mais que o conjunto das Forças Armadas brasileiras, o próprio Exército em posição de assumir responsabilidades mais perenes neste âmbito.

Referências

CUNHA, Ciro Leal da. (2005). Terrorismo Internacional e Política Internacional após o 11 de Setembro. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília, Dissertação de Mestrado em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, Brasília, 2005.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. (2016). Combate ao Terrorismo na América do Sul. Uma Análise Comparada das Políticas do Brasil e dos Estados Unidos Para a Tríplice Fronteira (Português) Capa Comum.

HEIDELBERG INSTITUTE FOR THE STUDY OF VIOLENT CONFLICT (2018). Disponível em <https://hiik.de/conflict-barometer/current-version/?lang=en>. Acesso em 16.10.2019.

INSTITUTE FOR ECONOMICS & PEACE (2018). Global Terrorism Index Report. Disponível em <http://globalterrorismindex.org/>. Acesso em 17.10.2019.

JANE'S TERRORISM AND INSURGENCY CENTRE (2018).

MARSH, Robert (2019). Terrorism Risk Insurance Market Report. Disponível em <https://www.jlt.com/insurance-risk/credit-political-security-risk/insights/2019-terrorism-risk-insurance-market-report>. Acesso em 01.10.2019.

MUGGAH, Robert (2019). Terrorism Risk Insurance Market Report. Disponível em <https://www.jlt.com/insurance-risk/credit-political-security-risk/insights/2019-terrorism-risk-insurance-market-report>. Acesso em 01.10.2019.

POLLETO, Ricardo dos Santos (2010). Terrorismo e contraterrorismo na América do Sul: As políticas de segurança de Argentina, Colômbia e Peru. Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado.